

Artigo

## Materialidade das primeiras edições de Morenga de Uwe Timm

The Materiality of the first Editions of Uwe Timm's novel Morenga

Materialidad de las primeras ediciones de Morenga de Uwe Timm

Elaine Calca <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho,  
São Paulo, SP, Brasil

### RESUMO

---

Neste artigo pretendemos apresentar um estudo bibliográfico do romance *Morenga*, do escritor alemão Uwe Timm. Tendo por objeto duas edições da obra, a primeira, de 1978, e a terceira, de 1983, e partindo de alguns questionamentos a respeito das mudanças empenhadas na apresentação do material aos leitores, buscaremos compreender como o processo de editoração e a construção externa das duas edições do livro conectam-se ao seu conteúdo: o conflito colonial na região da Namíbia Colonial, entre 1904 e 1907. Para tanto, apresentaremos brevemente as edições e perscrutaremos como, ao constituir um imaginário pré-leitura sobre as edições, seus elementos materiais podem nos ajudar a rastrear sua recepção.

**Palavras-chave:** *Morenga*; Uwe Timm; Romance Histórico; Colonialismo; Estudo Bibliográfico

### ABSTRACT

---

In this paper we intend to present a bibliographical study of the novel *Morenga*, by the German writer Uwe Timm. Taking as object two editions of the work, the first, from 1978, and the third, from 1983, and starting from some questionings about the changes engaged in the presentation of the material to the readers, we will seek to understand how the editing process and the external construction of the two editions of the book connect to its content: the colonial conflict in the region of Colonial Namibia, between 1904 and 1907. To this end, we will briefly present the editions and scrutinize how, by constituting a pre-reading imaginary about the editions, their material elements can help us trace their reception.

**Keywords:** *Morenga*; Uwe Timm; Historical Novel; Colonialism; Bibliographical analysis

### RESUMEN

---

En este artículo pretendemos presentar un estudio bibliográfico de la novela *Morenga*, del escritor alemán Uwe Timm. Teniendo como objeto dos ediciones de la obra, la primera, de 1978, y la tercera, de 1983, y a partir de algunas preguntas sobre los cambios que implica la presentación del material a los lectores, buscaremos comprender cómo funciona el proceso de edición. y la construcción externa de las dos ediciones del libro están ligadas a su contenido: el conflicto colonial en la región de la Namibia Colonial, entre 1904 y 1907. Para ello, presentaremos brevemente las ediciones y escrutaremos cómo, al constituir una pre -la lectura imaginaria

sobre las ediciones, sus elementos materiales nos puede ayudar a rastrear su recibo.

**Palabras llave:** Morenga; Uwe Timm; Novela histórica; Colonialismo; Estudio Bibliográfico

## 1 INTRODUÇÃO

O romance *Morenga*, de Uwe Timm, publicado pela primeira vez em 1978, tem como título o nome de um personagem histórico; um dos líderes da resistência contra a ocupação alemã na região da Namíbia Colonial<sup>1</sup>. Trata-se de um romance sobre a guerra colonial entre os anos de 1904 e 1907, a partir do qual se reconstróem outros momentos da história do colonialismo alemão. Neste artigo pretendemos desenvolver um estudo bibliográfico (MCKENZIE, 2004) de duas edições do romance, a primeira, de 1978, e a terceira, de 1983. Nosso objetivo é estudar como a materialidade das duas edições pode ter impactado a recepção do livro. Nossa hipótese é de que, ao focarmos nos aspectos físicos das edições, observaremos como elas evocam a questão colonial e, a partir disso, como contribuem na construção de um conhecimento histórico sobre a colonização alemã por meio dos sentidos que enunciaram.

Trazemos, neste primeiro momento, uma breve apresentação das edições do romance *Morenga*. No total, foram sete edições, passando por cinco editoras; são elas, em ordem cronológica: Autoren Edition, Rowohlt, Aufbau, Kiepenheuer & Witsch - KiWi e, desde 2000, tem sido editado pela *Deutscher Taschenbuch Verlagsgesellschaft*, doravante dtv. Segundo informado pela própria editora dtv, *Morenga* a mesma realizou 16 reimpressões entre 2000 e 2019 e sua nova edição, de 2020, é a terceira da editora e contém um prefácio de Robert Habeck<sup>2</sup>. O número de reedições contínuas, bem como o lançamento da tradução para o inglês, em 2003<sup>3</sup>, sugere que o romance teve uma recepção abrangente.

As formas gráficas e quaisquer aspectos materiais inscritos sobre a página também possuem uma função expressiva na produção de significados de um texto. O título, o nome do autor e da editora, o que chamaremos de elementos tipográficos, bem como outros “paratextos”, como os prefácios, são, segundo Genette, textos que cercam e prolongam o livro, com o intuito de “apresentá-lo”; não só no sentido habitual do verbo, mas também em “seu sentido mais forte: para torná-lo presente, para garantir sua presença no mundo, sua ‘recepção’ e seu consumo” (GENETTE, 2009, p. 9). A escolha da capa, por exemplo, é um recurso técnico no processo editorial. No caso da primeira edição de *Morenga*, com projeto da Autoren Edition, a editoração do livro contou com a participação do autor.

1 Naquele tempo nomeado de Sudoeste Africano Alemão; de 1884 a 1919 o território era conhecido oficialmente como “protetorado” (Schutzgebiet). Por se tratar de uma conceituação problemática, produzida no próprio período, chamaremos o território de colônia.

2 Escritor e atual presidente do partido Die Grüne (Verde) na Alemanha.

3 Tal edição abre uma nova possibilidade de pensar a recepção a partir do centenário comemorativo da guerra colonial, que se tornou um tema tratado com frequência pelos jornais nesse século XXI.

Torna-se relevante, portanto, apresentarmos, mesmo que sucintamente, o autor do livro. Uwe Timm nasceu em 1940, em Hamburgo, na Alemanha. Hoje, é mundialmente conhecido; sendo possível encontrar informações sobre ele em sites em alemão, espanhol, inglês, italiano e português. Ganhou prêmios como o Heinrich Böll, em 2009; apesar disso, apenas quatro de suas vinte e seis obras foram traduzidas e publicadas no Brasil; são elas: *A Árvore da Serpente* (1988), *Penumbras* (2012), *À Sombra de meu irmão* (2014) e *A Descoberta da Currywurst* (2015)<sup>4</sup>. Segundo Krause, o autor ganhou maior notoriedade após 1989, ao receber o Prêmio Alemão de Literatura Juvenil - Deutscher Jugendliteraturpreis - pela publicação de seu livro infantil *Rennschwein Rudi Rüssel* (ARMANGE, 2009) Antes de iniciar sua carreira de escritor, Timm fez a formação profissional de peleteiro (artesão de casacos de pele), profissão também de seu pai. Em 1966, iniciou sua graduação em germanística e filosofia na Ludwig Maximilian Universität, em Munique, e a finalizou na Universidade de Sorbonne, em Paris. Em 1967 retornou para Munique e filiou-se à União Estudantil de Socialistas Alemães – SDS (até 1968), pela qual participou de manifestações, ocupações e greves, além de escrever materiais de Agitprop – formas de agitação e propaganda que surgem na URSS – textos, panfletos e peças de teatro de rua (VILLAS BOAS; COSTA; ESTEVAM, 2015).

Tendo em vista a recepção do autor e de sua obra no Brasil, não encontramos, em busca nos bancos de dados on-line, trabalhos sobre Morenga em português. Já em relação à história da Namíbia Colonial, tema de Morenga, os materiais existentes são os artigos de Silvio Correa (2016), o livro de Marion Brephoh (2010) e as dissertações de mestrado de Ana Carolina Schweitzer (2016) e Elaine Calça (2019). Com isso, observa-se a grande lacuna a respeito de como a temática da colonização alemã é abordada na/pela academia brasileira, evidenciando a relevância do assunto atualmente, cujos efeitos ainda reverberam na Alemanha e nos países que foram por ela colonizados.

## 2 PRIMEIRAS EDIÇÕES

Esta primeira edição ao lado de Morenga, composta por 27 capítulos e 396 páginas, apresenta-se em capa dura, com uma sobrecapa. O primeiro elemento tipográfico que lemos é o autor, Uwe Timm; o segundo, o título, Morenga; o terceiro é a definição do gênero textual, romance; na parte inferior encontramos “AutorenEdition” – editora de autores. Na quarta capa da primeira edição a seguinte autodefinição: *Revolta na África do Sudoeste Alemão: Um romance de fatos históricos e imaginações poéticas sobre um capítulo recalcado da história alemã.*

Nesta edição, o título e a foto de Morenga com os insurgentes constam como uma primeira mediação entre o leitor e o conteúdo do livro: a guerra colonial fruto da resistência dos namas e hereros à dominação alemã. Esta foto foi retirada das edições subsequentes

4 A *Árvore da Serpente* foi traduzido por Brigitte Baum (1988) e publicado pela editora Marco Zero; *À Sombra de meu Irmão* foi traduzido por Gerson Neumann e Willian Radünz (2014); e *A Descoberta da Currywurst* por Augusto Paim (2015), foram publicados pela Editora Dublinense. Os dois últimos receberam fomento do Instituto Goethe.

do livro, sendo reproduzida integralmente somente nas edições em eBook e física da KiWi de 2015. O papel é amarelado e de qualidade.

Figura 1 – Primeira Edição



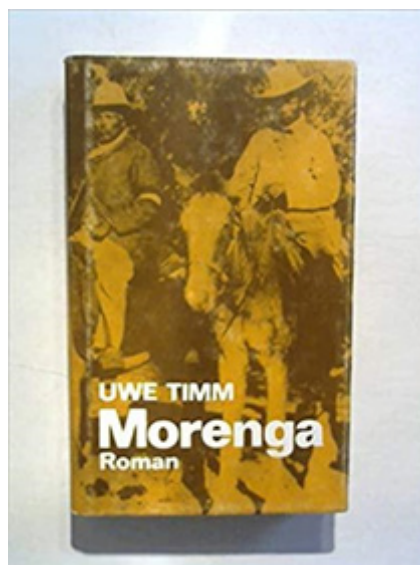
Fonte: Primeira Edição de Morenga publicada em 1978 pela AutorenEdition.

Legenda: Foto de 8 insurgentes junto à Morenga.

Nota: Acervo particular da autora (dezembro de 2021)

Timm recebeu, por essa obra, o prêmio de Literatura da cidade de Bremen em 1979, o que talvez tenha influenciado a publicação de *Morenga* na República Democrática Alemã. Como podemos perceber na foto da capa a seguir, a primeira publicação de *Morenga* condicionou a materialidade nesta edição subsequente publicada pela Aufbau Verlag, a edição não tem descrição/subtítulo, contém 373 páginas, e impresso em capa dura, encontra-se uma foto de *Morenga* sobre um cavalo.

Figura 2 – Edição publicada na RDA



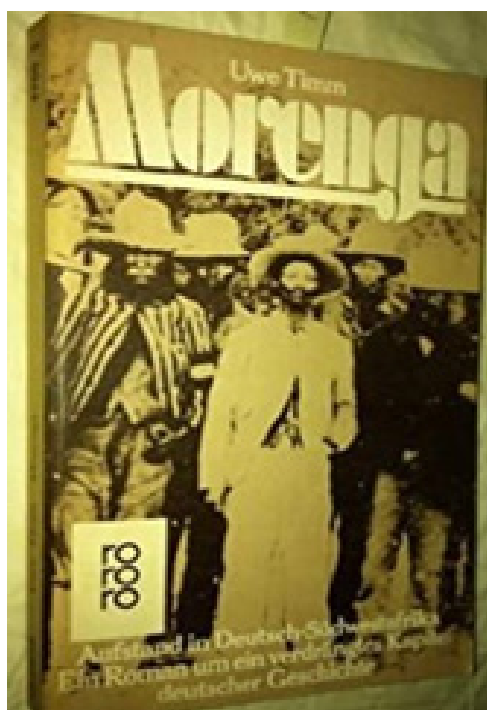
Fonte: Edição de *Morenga* na RDA, de 1979, pela Aufbau Verlag.

Legenda: *Morenga* montado à cavalo, acompanhado por outro companheiro.

Nota: Número de Impressão 120/17/79. Informações no Bundesarchiv. Ministerium für Kultur. [http://www.argus.bstu.bundesarchiv.de/dr1\\_druck/index.htm?kid=4d8d0650-ba19-4c1f-ab32-597472c2e5d0](http://www.argus.bstu.bundesarchiv.de/dr1_druck/index.htm?kid=4d8d0650-ba19-4c1f-ab32-597472c2e5d0). Foto: <https://openlibrary.org/books/OL27900439M/Morenga>

A influência da primeira edição sob a próxima edição da Alemanha Ocidental também é perceptível. Trata-se de uma edição de bolso publicada pela editora Rowohlt, em 1981, e contou com quatro reimpressões. A descrição da quarta capa foi reduzida para *“Aufstand in Deutsch-Südwestafrika ein Roman um ein verdrängtes Kapitel deutscher Geschichte”*, Revolta na África do Sudoeste Alemão: um romance sobre um capítulo recalcado da história alemã (tradução nossa) e trazida para a primeira capa, se tornando subtítulo nesta edição. Tal subtítulo foi suprimido nas edições subsequentes. Acreditamos que a inclusão e a exclusão do subtítulo nas edições têm consequências perante o público. Rastrear a recepção nos auxiliará a circunscrever a amplitude do debate colonial na esfera pública, apontando para a relação entre historiografia e memória coletiva<sup>5</sup>.

Figura 3 – Segunda Edição de Morenga



Fonte: Edição de Bolso de Morenga, publicada em 1981 pela Rowohlt Verlag.

Legenda: Foto de Morenga e outros insurgentes.

Nota: <https://www.amazon.de/Morenga-Roman-Uwe-Timm/dp/B009G8TCZ6>

Com o fim da Autoren Edition, os direitos da edição em capa dura passaram para editora KiWi. Sendo assim, manteve-se o direito da licença de bolso com a Rowohlt e o direito para as edições de capa mole e capa dura. Tal história explica o porquê hoje o livro é comercializado em capa dura e Ebook ainda pela KiWi e outra licença, em capa mole e edição de bolso, é comercializado pela editora dtv desde 2001.

A edição da KiWi é a terceira publicada na Alemanha Ocidental, em Colônia/Köln, em 1983, apresenta 395 páginas em capa mole. A escolha de focarmos na primeira e terceira

<sup>5</sup> Referenciaremos o conceito de memória coletiva a partir de Erinnerungskultur, memórias que puderam ser reconstruídas material e imaterialmente a partir de figuras reais e míticas que pertencem a um povo, eventos, edifícios e monumentos, instituições e conceitos, livros e obras de arte. Pontos de cristalização da memória coletiva e identidade social, práticas culturais e políticas são incluídas, excluídas e/ou mudam na medida que a forma de sua percepção, apropriação, aplicação e transmissão também se alteram.



edição dentre todas essas primeiras edições já mencionadas se dá pelas seguintes razões: pela mudança para a editora KiWi com o fim da AutorenEdition, e conseqüentemente, a mudança das capas, e pela proximidade desta terceira edição ao ano comemorativo da Conferência de Berlim, 1885 – *Erinnerungsjahr*.

O contexto do centenário e os debates da historiografia sobre a colonização alemã produzidos até então na República Federativa Alemã e na República Democrática são citados e referenciados no romance, sendo assim, compreendemos que a escrita de Morenga propõe uma volta ao passado para explicar o presente, como aponta Ricouer (1980). Embora houvesse trabalhos sobre a história colonial alemã, a colonização não estava presente na esfera pública. Constata-se, portanto, um silenciamento sobre o assunto após a 2ª Guerra Mundial, efeito do processo de subjetivação pós-nazismo.

Também é relevante para a recepção apontar que no mesmo ano de publicação de Morenga pela KiWi, 1983, lança-se, em 16 de fevereiro, uma adaptação de Morenga para a televisão em três “episódios”. A série foi dirigida por Egon Günther e produzida por Wolf-Dietrich Brücker e os canais Die Erste e WDR Westdeutscher Rundfunk. O roteiro teve participação do autor. A versão da série compactada “em filme” ganhou prêmios em três festivais em 1985: Berlinale, Toronto International Film Festival e Chicago International Film Festival.

### 3 ANÁLISE COMPARATIVA DAS EDIÇÕES

Abordaremos, neste tópico, a elaboração das edições de 1978 e de 1983, assim como seus possíveis efeitos na recepção. Para isso, será objeto de nossa atenção a comparação entre as composições das edições, como capa e contracapa e elementos tipográficos, buscando seu diálogo com o conteúdo do livro. Visto como artefato cultural, o aspecto físico auxilia na composição das partes que costumam angariar mais a atenção do leitor, sendo, neste caso, o título, que remete a uma figura histórica, e a imagem da capa, uma foto dos insurgentes. Com isso, nosso objetivo é explorar os elementos dispostos na capa, a fim de compreender como o livro chegou ao público. Entretanto, essa relação dos elementos constitutivos das edições de Morenga e seus possíveis efeitos no leitor não está dada; então, tentaremos construí-la.

A primeira edição é iniciada pelo primeiro capítulo do romance, “Presságios”, que anuncia o conflito, sendo o sumário colocado ao final. Também temos duas orelhas, a de primeira capa, com um pequeno resumo do romance sobre a “rebelião” guiada por “Morenga, o napoleão negro” e a luta de Gottschalk por sua “sobrevivência moral”, onde também se encontra este trecho: “Timm escreve a primeira luta de libertação dos negros africanos na história do continente”. Podemos perceber, já nesses elementos, a conexão que a edição quer fazer com o momento de sua publicação, a década de 1970 e as lutas de independência que estavam ocorrendo em África. Afirma-se, nessa orelha, que o autor pesquisou “no lugar

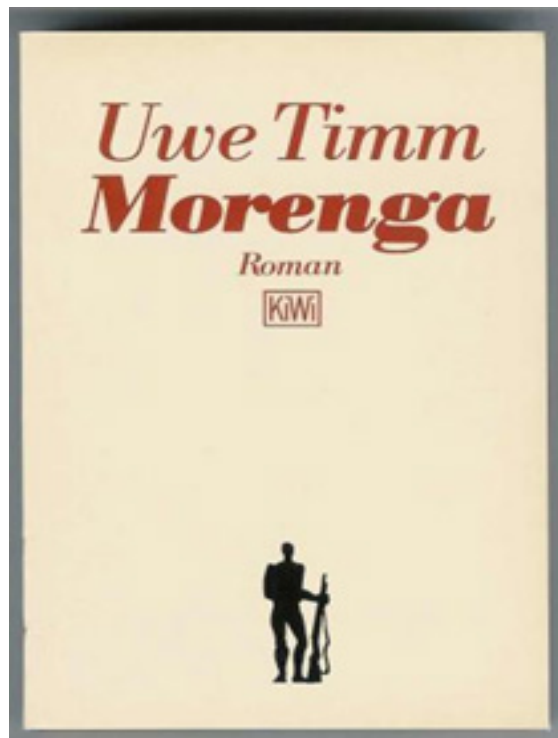
do ocorrido” e usou “fontes históricas, crônicas e documentos”. Na orelha de contracapa, temos uma pequena biografia do autor e um trecho de uma resenha publicada no jornal Frankfurter Allgemeine Zeitung, de Verão Quente, escrita por Ulrich Greiner. Na terceira edição, por sua vez, não há orelhas e o sumário aparece no início do livro, mas conta, na quarta capa, com um breve resumo do romance e faz uma propaganda a partir de citações de resenhas do livro, as de Alfred Andersch e Martin Walser, além de trazer a informação de que o livro “foi filmado e ganhou o festival de Berlim”. Sobre a acessibilidade do material, a primeira edição foi vendida a 32 marcos<sup>6</sup>, e a terceira a 10 marcos, segundo informou a editora KiWi por e-mail.

O primeiro elemento tipográfico na capa da terceira edição é o nome do autor, Uwe Timm, em tamanho um pouco menor que o segundo elemento, o título, Morenga, que está em negrito; o terceiro é uma denominação do gênero textual, romance, em fonte menor e na sequência; com uma fonte um pouco maior temos escrito KiWi em um pequeno retângulo, como um carimbo, abreviatura da editora Kiepenheuer & Witsch.

Em um primeiro momento, mesmo um leitor que desconhecesse Morenga poderia associar o título das duas edições a um lugar, a uma pessoa ou a qualquer outra coisa; já que a palavra não é alemã. A primeira edição oferece uma leitura visual diversa da terceira; naquela Morenga poderia ser associado ao grupo de três homens representado na capa ou o título poderia ser associado ao homem centralizado na capa. Entretanto, Morenga está impresso na lombada da primeira edição. Proporcionalmente, há três homens na capa, outros três na quarta capa e Morenga aparece no meio. Todos são negros, estão trajados com uniforme militar alemão e carregam espingardas e outros artigos de guerra. Assim, ao abrirmos o livro, visualizamos a foto impressa nas capas como um todo. Forma-se uma pirâmide: Morenga, o homem mais alto ao meio e tanto do lado esquerdo, quanto do lado direito, há uma sucessão de outros homens, posicionados em alturas decrescentes, isto é, visualmente, a partir das pontas, temos os homens menores indo ao encontro do homem maior, ao centro, que é Morenga. Essa edição, de capa dura, pode ter sido exposta pelos livreiros na vertical; mostrando aos possíveis compradores a imagem como um todo e a figura de Morenga na lombada. A capa tem muitos elementos que podem chamar a atenção dos leitores; que poderiam se perguntar o porquê de esses homens negros estarem vestindo trajes de guerra alemães. Acompanhado do título, em letra garrafais, ao olharmos para o livro em pé, temos a impressão de um perfil de insurgência que parte de Morenga; assim, já seria possível visualizar que ele é o líder.

6 Informação retirada da resenha publicada na revista Der Spiegel, número 31 de 31.07.1978. ORTLEPP, Gunar. Orlog In Südwest Uwe Timm: »Morenga«. Verlag Autoren Edition, München; 400 Seiten. Disponível em: <https://www.spiegel.de/kultur/orlog-in-suedwest-a-fca636bd-0002-0001-0000-000040606630?context=issue/>. Acesso em 12 de julho de 2021.

Figura 4 – Terceira Edição de Morenga



Fonte: Terceira Edição de Morenga, de 1983, KiWi.

Legenda: Silhueta de homem armado; fazendo referência ao título.

Nota: Acervo particular da autora (dezembro de 2021).

Em comparação com a primeira edição, percebemos uma mudança brusca na escolha dos elementos que compõem a capa da terceira edição. Todas as edições publicadas anteriormente utilizaram fotografias históricas, contudo, na edição da KiWi temos uma capa clara, com o vulto negro de um homem segurando uma arma. Apesar de ser capa mole, pela espessura do livro, talvez tenha sido, como o primeiro, exposto em pé. Entretanto, a questão colonial, especificamente da guerra colonial, é mais evidenciada na primeira edição do que na edição de 1983, já que, mesmo segurando um rifle, não associamos a imagem de um homem sozinho à guerra.

Outro fator importante é que o título, nas duas edições, cria a expectativa de que Morenga será o protagonista. Mas ele não é o personagem principal do romance e sim Gottschalk, o que é evidenciado no segundo capítulo, *Jenseits der Brandung*. Assim, a guerra colonial é apresentada principalmente a partir da visão dos alemães, representados por agentes coloniais, como Wandres e Rumbottle; oficiais militares, como Göring e von Trotha; e cientistas militares, como Dr. Haring. Também incorpora visões das diversas tribos que viviam na atual Namíbia, a exemplo dos personagens Lukas, Petrus e Katharina; paradigmáticos da resistência à colonização alemã.

De certa forma, o fato de o título remeter a um personagem verossímil e com referências na historiografia é significativo, bem como as capas das edições anteriores a da KiWi serem fotografias – que são consideradas legítimos documentos históricos, pois antecipam



algo que ocorrerá durante todo o romance: a presença de fontes. No livro são citadas cerca de 18 fontes históricas e o escritor as elabora e as elenca em sequências diversas da tradicionalmente utilizada nos textos historiográficos; estão sobrepostas a narrativas internas, como uma fotocoloragem. O romance, assim, cria conhecimento sobre a realidade colonial com outros recursos que não os usados nos textos historiográficos; usa das fontes históricas como matéria-prima para reconstrução literária. Essa relativização das fontes leva o leitor à crítica, já que estão fora de seu contexto original.

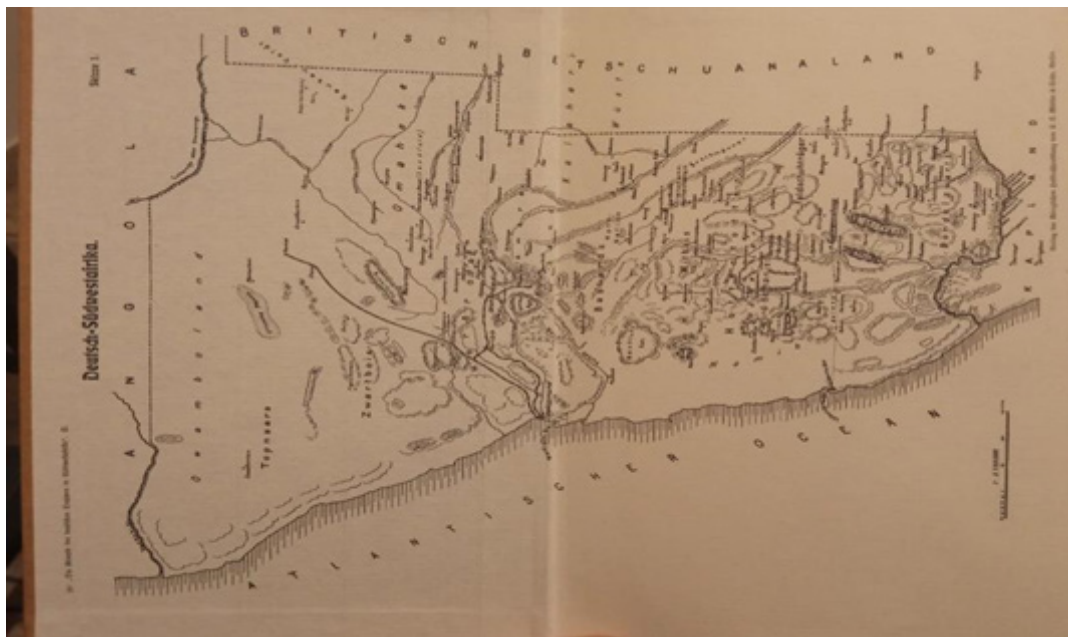
O fato de se anunciar um romance nas duas edições, qualificado com um artigo indefinido, fornece-lhe uma forma e é assim que nos chega e se apresenta. O autor fizera uma pesquisa arquivística e escrevera em outros gêneros textuais, mas nomeou Morenga de romance. Acreditamos que o escritor gostaria de trabalhar com as fontes e narrativas com maior autonomia, ao mesmo tempo em que gostaria de alcançar o público que se sentia atraído pelo gênero. Lembremos também que o livro não é denominado romance “histórico” em nenhuma das duas edições. Não obstante, na descrição presente na quarta capa da primeira edição encontramos a indicação de que o texto traz uma justaposição entre “fatos históricos e imaginações poéticas”. O que instiga o leitor a buscar e tentar diferenciar quais seriam os fatos históricos e quais seriam as ficcionalizações. A edição de 1983 não contém essa descrição. Sobre ela, Bürger afirma:

Já em 1983, o romance tinha uma tiragem de 16.000. A obra de Uwe Timm é, portanto, de particular importância para a geração e o reconhecimento do conhecimento sobre a Namíbia Colonial por ocasião do ano comemorativo de 1984. (BÜRGER, 2017, p. 225).

O comentário de Bürger é relevante para pensarmos como a edição de 1983 oferece um conhecimento sobre a colonização do território namibiano pelos alemães. Além disso, apesar de levantarmos aqui os dados de impressão do romance, sua circulação não pode ser reduzida ao número de exemplares impressos. Pois o livro, como um objeto social, pode ser compartilhado, tomado, emprestado, devolvido, perdido, esquecido ou roubado, acrescentado a uma coleção, exposto em uma prateleira etc.

Outro aspecto físico da primeira edição do livro que gostaríamos de apontar é a reprodução do mapa da Namíbia Colonial, chamado de “Deutsch-Südwestafrika”, nas duas folhas de guarda, que não aparece na terceira edição. Tal recurso foi muito usado nas publicações dos relatos de viagem durante o século XIX e começo do XX, mostrando também como esse romance se relaciona com outras obras anteriores da literatura de língua alemã. No caso, o mapa escolhido fora um dos utilizados no próprio período colonial; acima do mapa, encontra-se a referência da fonte: As lutas das tropas alemãs no Sudoeste Africano, “Die Kämpfe der deutschen Truppen in Südwestafrika II”. Não somente esse volume do documento, como também o primeiro, será mencionado várias vezes no romance.

Figura 5 – Folhas de Guarda da Primeira Edição



Fonte: Folhas de Guarda Primeira Edição de Morenga, de 1978, AutorenEdition.

Legenda: Mapa da África do Sudoeste Alemão do período, retirado de “Die Kämpfe der deutschen Truppen in Südwestafrika II”

Nota: Acervo particular da autora (dezembro de 2021).

Na cartografia, o mapa é uma referência concreta e visual do território. Além de ser uma evidência da dominação simbólica de África após sua “Partilha” na Conferência de Berlim. A edição em eBook, de 2015, também conta com um mapa do “Sudoeste Africano Alemão” (atual Namíbia).

Como dissemos anteriormente, há, na quarta capa da primeira edição, uma autodefinição: *Revolta na África do Sudoeste Alemão: Um romance de fatos históricos e imaginações poéticas sobre um capítulo recalcado da história alemã*<sup>7</sup>. Segundo o autor, a definição foi uma interpretação da editora; ao mesmo tempo, sabemos que ele participou do processo de editoração do livro. Esse elemento tipográfico nos salta aos olhos porque a história do colonialismo alemão é apresentada como um “capítulo recalcado da história alemã”. Esquecer é um verbo que em português associamos a um ato involuntário, mas *verdrängen*, o verbo recalcar em alemão, é muito frequente na linguagem coloquial e não algo ligado diretamente à psicanálise. No alemão falado esse verbo é usado quando não se quer falar sobre algo, como um silenciamento, não como um esquecimento (POLLAK, 1989). Assim, o romance histórico entra em diálogo com o momento de sua publicação, a década de 1970. Como argumenta Kearney, “a verdade histórica tanto é propriedade de conhecimento narrativo como do chamado conhecimento objetivo” (KEARNEY, 2012, p. 411). Sendo assim, a inscrição afirma que a colonização alemã, para além de esquecida, foi “recalcada”, ou seja, que essa história não quer ser trazida à tona, é ignorada pela narrativa dominante da época. Ou, se pensarmos em termos psicanalíticos, seria uma história “negada” pela população alemã e

7 TIMM, Uwe. Morenga. Verlag Autoren-Edition, 1978.

por ser um conteúdo difícil de ser elaborado é deixada no “inconsciente”. Nesse sentido, a descrição foi também recalcada da terceira edição.

Reconhecemos, pois, que a colonização alemã é um “capítulo” da história rejeitado e recusado pela memória coletiva alemã, inclusive, por não se reconhecerem os resquícios (não tão latentes assim) da colonização no cotidiano após as independências. Vale lembrar que a Namíbia ficou independente em 1991. Há também semelhanças entre os campos de concentração colonial, nos quais ocorreu o genocídio de 80% da população Herero, e o holocausto judeu. Göring<sup>8</sup>, Haring e Trotha, por exemplo, são imediatamente reconhecidos como figuras históricas que existiram e exerceram funções que são representadas e tematizadas no livro de diferentes perspectivas. Além disso, esses sobrenomes provavelmente eram conhecidos na década de 1970 – seus filhos e netos estavam envolvidos com o nacional-socialismo e foram punidos pelo Julgamento de Nuremberg por terem cometido crimes de guerra e crimes contra a humanidade. Timm escolhera esses nomes propositalmente.

Nessa reconstrução literária há personagens ficcionais e históricos que se relacionam ao longo da narrativa. O romance de Timm é notável e reconhecido por estudiosos alemães como o “primeiro romance pós-colonial”. Sua forma estética de “fatos históricos e imaginações poéticas” é apontada como “montagem inovadora” pelos pesquisadores Götttsche e Germer, por exemplo, ou como “colagem” por Bürger e Lepak. Entretanto, tais trabalhos não abordam detalhadamente como se dá a “colagem” ou “montagem” de fontes e ficções na narrativa. Tampouco já se fez um levantamento sistemático das fontes, nem se comparou como elas servem para serem reproduzidas como citação ou matéria-prima elaborada na reconstrução literária.

## 4 PROJETO EDITORIAL

Levantando a hipótese de que a expectativa do público em relação a Morenga se baseava também nas publicações e ações do autor, apreciaremos, brevemente, obras anteriores ao ano de 1978, na tentativa de compreender alguns aspectos de sua recepção como escritor perante o público. Em 1971, Timm publicou seu primeiro livro de poemas, *Widersprüche* (Contradições); mesmo ano de finalização de seu doutoramento em filosofia, com tese intitulada *O Problema do Absurdo nas Obras de Albert Camus*. No mesmo ano também fundou o *Wortgruppe München* e trabalhou como coeditor da *Revista Literarische Hefte*. Em 1973, filiou-se ao Partido Comunista e, em 1974, seu primeiro romance, *Heißer Sommer*, foi publicado pela *Autoren Edition*. Seu segundo livro de poesia, *Wolfenbütteler Straße 53*, foi lançado em 1977. Dentre esses títulos, mais especificamente nos chama a atenção o primeiro romance *Heißer Sommer* (Verão quente), livro que também traz em sua capa a denominação de seu gênero como romance, como acontece com a primeira edição

8 Após Bismarck decretar a formação de um protetorado para as propriedades africanas na Namíbia Colonial, Heinrich Göring foi enviado ao território como comissário imperial em 1885. Sua função era iniciar imediatamente uma pressão aos chefes de várias etnias e grupos para assinar os chamados Tratados de Proteção.

de Morenga. O romance, que tem como plano de fundo o Movimento Estudantil de 1968, acompanha a história de um estudante de germanística em Munique, Ullrich Krause ou Uli, que anda para cima e para baixo com seu exemplar de “A educação sentimental”, de Flaubert<sup>9</sup>. Outro ponto que antecipa Morenga é a presença do debate colonial; na medida em que Uli começa a questionar estruturas autoritárias e acaba participando da destruição de um monumento em Hamburg, estátua do Major Hermann Wissmann (1853 – 1905) que foi nomeado comissário na África Oriental Alemã (atual Tanzânia, Burundi e Ruanda) em 1891 e governador em 1895. Além disso, a obra é considerada um romance de formação e é definido como “um dos poucos testemunhos literários [na Alemanha] da revolta estudantil do Movimento de 1968 (Studentenbewegung)”<sup>10</sup>. Outra questão sempre trazida pela fortuna crítica é que o conteúdo do livro se assemelha à vida do autor. Há diversas referências biográficas em *Verão Quente*, como em outras de suas obras, a exemplo de “*À Sombra de meu irmão*” (2003) e “*Ikarien*” (2017)<sup>11</sup>. Podemos afirmar que se trata de um autor que frequentemente traz elementos biográficos para seus romances.

Contextualizando Uwe Timm e sua obra, encontramos além das citadas, outras duas outras obras que expressam seu interesse pela história da colonização alemã; são elas: o ensaio *Onde os brancos veem os negros. Impressões de uma viagem de pesquisa à Namíbia no ano de 1976*<sup>12</sup> e o livro de fotografia *Deutsche Kolonien*<sup>13</sup> publicado em 1981, também pela Autoren Edition. Para a publicação de Morenga e desses dois outros livros, Uwe Timm realizou pesquisas em arquivos com materiais sobre a colonização alemã e entrevistas com pessoas que teriam participado da revolta no território da atual Namíbia (SCHULTE, 2003). Podemos afirmar isso pelas referências existentes no livro de fotografias e pelo ensaio tratar de sua viagem de pesquisa.

Portanto, apresentaremos o projeto editorial Autoren Edition, pois ele implica no tratamento dado ao texto que foi à publicação e nos permite identificar as mudanças realizadas na editoração do livro. A Autoren Edition foi um projeto editorial criado por quatro autores, Uwe Friesel, Richard Hey, Hannelies Taschau e Uwe Timm. Os quatro publicariam seus livros por essa editora. O projeto constituiu-se, primeiramente, da editora Bertelsmann, e depois, da editora Athenäum. Morenga foi publicado no mesmo ano do término do Projeto Autoren Edition com a editora Bertelsmann, 1978. O projeto permitia um controle autoral, o que nos leva a considerar que os elementos da capa da primeira edição de Morenga resultam de decisões do autor.

Na folha de guarda de Morenga temos a inscrição “Edição Editora de Autores na Editora Athenäum”. A Athenäum foi fundada por Dietrich Pinkerneil e Axel Rütters e teve um período curto de existência, entre 1976 e 1982, na cidade de Königstein im Taunus. Em 1978, a Athenäum assumiu a Autoren Edition e outra editora independente de origem judia, a

9 FLAUBERT, Gustave. *A educação sentimental*. Tradução Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Nova Alexandria, 2009.

10 Prólogo de sua décima primeira reimpressão, publicada pela editora dtv em 2017.

11 Que traz uma história biográfica de Alfred Ploetz; avó de sua esposa, a tradutora argentina Dagmar Ploetz.

12 *Wo die Weißen schwarz sehen. Eindrücke einer Recherche nach Namibia im Jahre 1976*.

13 Nessa edição constam fotografias do Arquivo Nacional da Namíbia; arquivo que também é citado em Morenga.

Jüdischer Verlag.

Segundo Anuntkosol, nos volumes editados pela Autoren Edition em parceria com a Bertelsmann podemos encontrar seu programa: “publicar romances e contos de autores de língua alemã dirigidos a um grande círculo de leitores”; afirma ironicamente que “os problemas sociais devem ser apresentados de uma forma ilustrativa e agradável”. O objetivo é um estilo de escrita realista. “Não a dificuldade do autor em escrever diante de uma realidade contraditória, mas a realidade em si é o tema da Autoren Edition”. A quais problemas sociais o programa se refere e o que entendiam por escrita realista? Podemos supor, a partir dos títulos publicados pelo projeto que pesquisamos, que, em geral, tratam de temas como o nacional-socialismo, o antissemitismo, a questão de gênero. E Morenga, aponta principalmente para a questão colonial e dialoga com a política da época. A Autoren Edition encerrou seus trabalhos em 1982, quando a Athenäum foi à falência.

A publicação de Morenga teve como editores, além do autor, Gerd Fuchs e Heinar Kipphardt. Ambos aparecem também como leitores críticos, “Lektorat”. Fuchs trabalhou na Autoren Edition entre os anos de 1973 e 1982 e lançou livros pelo projeto, como *Ein Mann fürs Leben*, em 1978 (que foi adaptado em filme). Heinar Kipphardt<sup>14</sup>, conhecido pelo teatro documentário, escreveu as peças *Shakespeare dringend gesucht* de 1954 e *In der Sache J. Robert Oppenheimer* de 1964 em conjunto com Erwin Piscator. Kipphardt publicou e editou livros pelo projeto editorial, no qual começou a trabalhar em 1977. Kipphardt morreu no ano em que o projeto terminou, 1982. A referência à história e/ou o uso de documentos oficiais nos parece uma característica de todos os autores ligados ao projeto.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da premissa de que o livro é constituído de uma materialidade mediadora do encontro do leitor com a obra, por meio do estudo bibliográfico das duas edições de Morenga, contextualizando o autor e sua obra, pudemos fazer suposições sobre a circulação e recepção do livro. Neste artigo foi possível perceber que a participação do autor na primeira edição, bem como o processo editorial de uma editora independente, resultou em uma edição particularmente privilegiada, já que oferta ao leitor referências à colonização. A terceira edição teve diversas mudanças. A comparação das duas encarnações do livro demonstra diferenças significativas no que se refere aos aspectos coloniais e, por tanto, impactam na recepção. Na terceira há um apagamento da referência à colonização alemã no primeiro contato do público com a obra. Nossa conclusão é de que a primeira publicação de *Morenga* condicionou a materialidade do texto nas edições subsequentes aqui citadas, até a terceira edição, de 1983 da KiWi.

Outra consideração a ser feita é que apesar da fortuna crítica apontar Morenga como um romance pós-colonial, se olharmos para a sua materialidade, veremos muito mais ele-

<sup>14</sup> Pelo projeto editou o livro *Aus Liebe zu Deutschland. Satiren zu Franz Josef Strauß* de 1980 e escritor do romance *März*, 1976. Trabalhou no Deutschen Theater Berlin.



mentos coloniais do que pós-coloniais e justamente por isso, pôde na década de 1970 e ainda pode provocar estranhamento em seus leitores.

A contraposição dos personagens históricos e fictícios no presente romance têm conseqüências decisivas para a representação do passado colonial, pois a partir das diferentes narrativas é possível explorar a existência de diferentes percepções da experiência histórica do colonialismo. A pluralidade e o conflito entre as diferentes percepções são, em regra, ignorados pela historiografia então dominante e pelas instituições de memória coletiva.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Luciana Villas Bôas e a leitura e comentários das Professoras Cynthia Beatrice Costa e Lenita Maria Rimoli Pisetta e revisões cuidadosas das queridas Fúvia Fernandes e Yasmin Aparecida Cassetari da Silva.

## REFERÊNCIAS

ANUNTKOSOL, Nantana. **Die Inszenierung von Autorschaft bei Uwe Timm**. Dissertação, Philosophischen Fakultät der Universität Siegen, 2019.

ARMANGE, Ana Helena Krause. **Em “Os Novos Sofrimentos do Jovem W.”, de Ulrich Plenzdorf, e “Vermelho”, de Uwe Timm**. Doutorado em Linguística e Letras Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BREPOHL, Marion D. M. **Imaginação literária e política: os alemães e o imperialismo 1880 - 1914**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

BÜRGER Christiane, **Deutsche Kolonialgeschichte(n). Der Genozid in Namibia und die Geschichtsschreibung der DDR und BRD**, Bielefeld, Transcript 2017.

CALÇA, Elaine. **Os Expedicionários e suas relações com o imperialismo a partir de Adolf Bastian (1870 – 1890)**. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP/Campus Assis, 2019.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. **Tempo Livre e Lazer na África sob Domínio Colonial Alemão**. Lisboa: Cadernos de Estudos Africanos, 32, 2016.

FLAUBERT, Gustave. **A educação sentimental**. Tradução Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Nova Alexandria, 2009.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

GERMER, Kerstin. **(Ent-)Mythologisierung des Alltags. Uwe Timms narrative Ästhetik**. Göttingen: V&R Unipress, 2012.

KEARNEY, Richard. **Narrativa**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 409-438, maio/agosto 2012.

LEPAK, Thorina. **Deutsche Kolonialromane**. Masterarbeit im Fach Germanistik der Philoso-

phischen Fakultät der Heinrich-Heine-Universität Düsseldorf, 2013.

McKenzie, D. F. **Bibliography and the sociology of texts**. UK: Cambridge University Press, 2004.

ORTLEPP, Gunar. **Orlog In Südwest Uwe Timm: »Morenga«**. Verlag Autoren Edition, München; 400 Seiten.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento e silêncio**. Tradução de Dora Rocha Flaksman. Estudos históricos, v. 2, n. 3, Rio de Janeiro, 1989, p. 3-15.

SCHULTE, Rainer. **Interview with Breon Mitchell and Uwe Timm: Collaboration between translator and author**. Translation Review, 2003.

SCHVEITZER, Ana Carolina. **Imagens do Império: mulheres africanas pelas lentes coloniais alemãs**. Florianópolis: Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

TIMM, Uwe. **Morenga**. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2000.

TIMM, Uwe. **Morenga**. New York: New Directions Publishing Corporation, 2003.

TIMM, Uwe. **Ikarien**. Romance, Kiepenheuer & Witsch, Köln, 2017.

TIMM, Uwe. **Am Beispiel meines Bruders**. Kiepenheuer & Witsch, Köln, 2003.

VILLAS BOAS, Rafael; COSTA, Iná Camargo; ESTEVAM, Douglas (orgs). **Agitprop: Cultura Política**. São Paulo: Expressão popular, 2015.

## CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR

### 1 - Elaine Calca

Doutoranda no Programa de Língua e Literatura Alemã da FFLCH/USP

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3899-2733>

Email: [elaine\\_calca@usp.br](mailto:elaine_calca@usp.br)